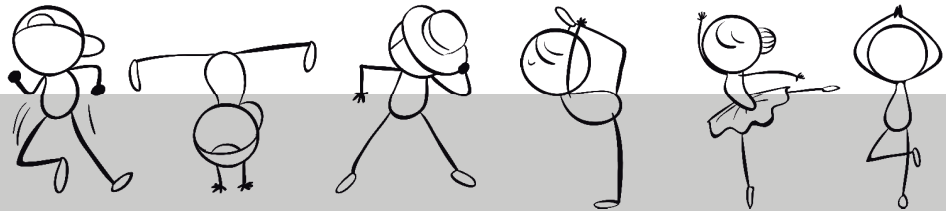


COORDENAÇÃO:
MARCELO GRANGEIRO
RACHEL MESQUITA
ROBERTA CHAVES

A DANÇA

TRANSFORMA



A HISTÓRIA DE QUEM DANÇA

VOLUME 3

EDITORA



Copyright © 2024
Todos os direitos reservados por Editora BOC

Coordenação: Marcelo Grangeiro, Rachel Mesquita e
Roberta Chaves

Vários Autores

Projeto Gráfico e Diagramação: Ighor Gomes Chaves e
Stephanie Gomes Chaves

1ª edição 2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

A Dança transforma a história de quem dança :
volume 3 / coordenação Marcelo Grangeiro,
Rachel Mesquita, Roberta Chaves. --
São Paulo : Editora BOC, 2024.
Vários autores.

ISBN 978-65-85593-54-0

1. Dança 2. Experiências - Relatos 3. Histórias de
vida 4. Narrativas pessoais 5. Superação
6. Transformação pessoal I. Grangeiro, Marcelo.
II. Mesquita, Rachel. III. Chaves, Roberta.

24-224579

CDD-920

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. HISTÓRIAS DE VIDAS : BIOGRAFIA 920

ELIANE DE FREITAS LEITE - BIBLIOTECÁRIA - CRB 8/8415

Editora BOC
www.editoraboc.com.br

SUMÁRIO



PREFÁCIO	5
MILTON SALDANHA	
1. TODAS AS PARTES DE MIM	9
ALEXANDRA AUGUSTA PEREIRA KLEN	
2. TEMPOS E CONTRATEMPOS: A MELODIA DA MINHA VIDA	21
ÁLVARO REYS	
3. E A DANÇA ESTÁ SEMPRE ME SALVANDO	31
ANA PAULA PEREIRA	
4. ENTRE DANÇAS E ANDANÇAS	39
CARLOS BOLACHA	
5. PARA CONQUISTAR ALGO, MUITAS VEZES PASSAMOS POR DESERTOS	47
EMANUELA RAMOS	
6. UMA FOTO...	57
GRACINHA ARAUJO	
7. POR AMOR E PELA DANÇA: UMA HISTÓRIA TRANSFORMADORA	67
IDELFONSO LOYOLA	
8. MIMULUS... UMA HISTÓRIA DE GRATIDÃO	77
JOMAR MESQUITA	
9. NÓS, MULHERES	87
KATIUSCA DICKOW	
10. PARA O CORPO FALAR, ALGUÉM PRECISA OUVIR... ..	97
LUCIANO BASTOS	

- 11. PAIXÃO QUE VIROU UM SENTIDO DE VIVER 107**
MARCELO AMORIM
- 12. NÃO É SÓ SOBRE DANÇA, É SOBRE PESSOAS 115**
MILENA MALZONI
- 13. HOJE EU SOU RENATA PEÇANHA 125**
RENATA PEÇANHA
- 14. O QUE SERIA DE MIM SEM A DANÇA? 133**
RICARDO MARINHO
- 15. ENTRE PEÇAS E PASSOS: A ARTE DO IMPROVISO NA
DANÇA DA VIDA!. 143**
RODRIGO DELANO
- 16. ARTE SALVA VIDAS, COMO SALVOU A MINHA 153**
ROLON HO
- 17. DANÇA, PERSEVERANÇA E TRANSFORMAÇÕES:
RELATO DA MINHA VIDA 163**
SANDRO PENTEADO
- 18. EU ME DESAFIEI E VENCI! 171**
SHEILA AQUINO
- 19. EU SOU MULHER QUE DANÇA! 181**
SHEILA SANTOS
- 20. A DANÇA ME DEU VOZ! 191**
SOLANGE DANTAS
- 21. “DOS CABARÉS DE MACAPÁ PARA OS SALÕES DO
MUNDO” 201**
VALDECI DE SOUZA
- 22. “FIZ DE MIM A DANÇA QUE A DANÇA FEZ DE MIM”. 211**
WARNEY JUNIOR

PREFÁCIO



A DANÇA É ARTE E ESCOLA DE VIDA

D grande vantagem de ler histórias de vidas é que “ganhamos” as experiências sem que saíamos de nossas poltronas. É o milagre da literatura nos fornecendo conteúdo. Isso se transforma em cultura de valor inestimável.

Este segundo volume de “A dança transforma – A história de quem dança”, coordenado por Marcelo Grangeiro, Rachel Mesquita e Roberta Chaves, tem este propósito: fornecer conhecimento que, de alguma forma, mesmo sem percebê-lo, em algum momento nos será útil.

Nada aqui é banal. Simples, em muitos casos, talvez. Afinal, nenhuma história precisa ser uma epopeia para ter significado.

O cotidiano das pessoas é povoado por detalhes simples, mas que farão toda a diferença em seus destinos. Por exemplo, quando um dançarino conta o quanto ralou para aprender e evoluir na carreira. Não foi “presente do céu”. Sem trabalho duro e suor, não raro, também, lágrimas e frustrações, nada acontece.

Aqui estão presentes dançarinos de salão profissionais das cinco regiões do Brasil. Todos, referências regionais, nacionais e até mesmo internacionais. Como são também os coordenadores desta obra, um documento para a História da dança no Brasil.

Nesta leitura, vamos assimilar suas experiências e compartilhar dos bons momentos. Dança é uma arte dinâmica, em mutação permanente. O conceito de arte está ligado ao novo. Sempre aprender, tentar, ousar... Isso nunca termina.

Quando lancei o jornal “Dance”, em 1994, estava às vésperas de me aposentar de uma longa carreira no jornalismo profissional. Parecia simples a tarefa. Engano. Os dois primeiros anos, dos vinte e um que

A DANÇA TRANSFORMA A HISTÓRIA DE QUEM DANÇA

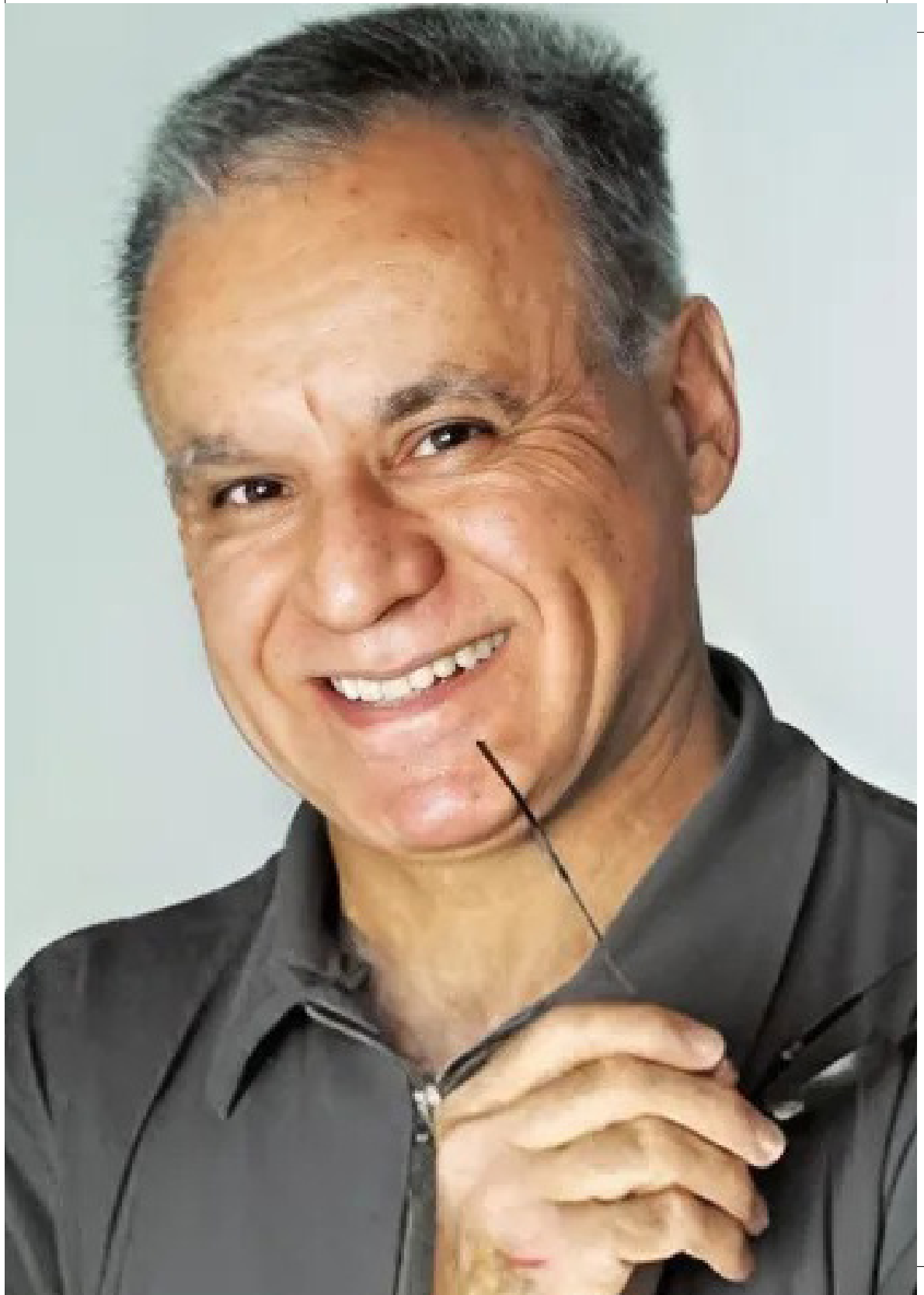
durou o jornal, foram procurando por sua personalidade. Qual seria o seu rosto definitivo.

Na dança, até para falar sobre ela, a gente tem que suar a camisa. Leve isso em consideração durante a leitura das páginas seguintes. Asseguro que valerá a pena.

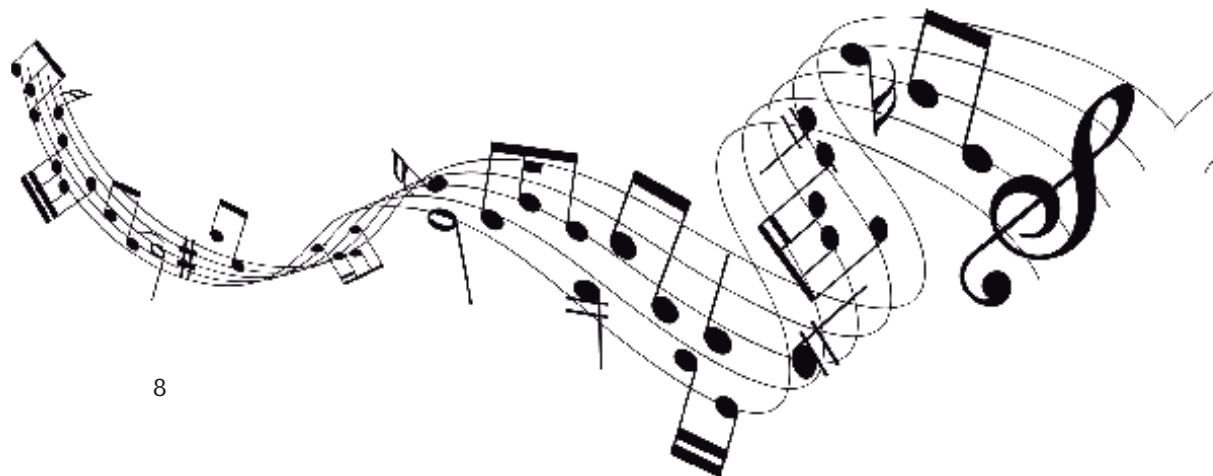
MILTON SALDANHA

78, jornalista e escritor.





A DANÇA TRANSFORMA A HISTÓRIA DE QUEM DANÇA



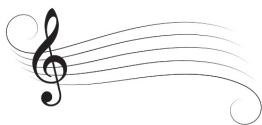


01

TODAS AS PARTES DE MIM



ALEXANDRA AUGUSTA PEREIRA KLEN



Alexandra é graduada e doutora em Engenharia Mecânica, com pós-doutorados na Alemanha, Espanha e no Brasil. Em 2005, iniciou seus estudos na Dança de Salão especializando-se no Tango. Realiza atividades de arte-educação que focam na relação dramaturgia-dança e nas práticas de estruturação de espetáculos. Trabalha com ideação, concepção, execução, produção e gestão de projetos artístico-culturais. Começou, em 2015, um processo de aprofundamento no mundo da interpretação criativa e direção de espetáculos, com a criação da “Dois Pontos Cia de DançaTeatro”. Representa a Setorial de Dança no Conselho Municipal de Política Cultural de Florianópolis (2022-2024), através da “Coletiva Ilha Movediça”.

 **@alexandra_klen**
 **xandaklen@gmail.com**





A DANÇA TRANSFORMA A HISTÓRIA DE QUEM DANÇA

Há quem pense que eu fiz as escolhas invertidas: aos dezesseis anos, deveria ter escolhido ser Bailarina e, depois, aos cinquenta, Engenheira.

Há quem pense que eu fiz as escolhas erradas: nem Engenheira aos dezesseis, nem Bailarina aos cinquenta.

Há quem pense — e também há quem julgue! — sobre as escolhas que eu fiz.

Afinal, o que me cabe? Entendi, com o passar do tempo, que o que me cabe não cabe em mim. *Transborda!*

Por isso, tento, diariamente, viver as minhas escolhas da melhor maneira que eu posso. A longa jornada do desenvolvimento interior e do autoconhecimento vem me ensinando a habitar-me.

Como diria Hilda Hilst, “tu não te moves de ti”. Das várias perspectivas e interpretações possíveis, gosto de ver nessa frase a busca constante pela minha identidade e minha autenticidade que me ajudam a estar cada vez mais próxima do meu eu e da minha morada.

Assim, cada vez mais confortável e habituada a habitar-me, habito-me em todas as partes da minha morada — que são muitas!

É uma morada grande e pequena onde cabe o mundo e, às vezes, só caibo eu.

É uma morada leve e intensa que alterna o minimalismo e a suavidade de Di Sarli, com a energia e a força de D’Arienzo. Ou ainda, brinca dando lugar à profundidade emocional e sentimental de Troilo e também às pausas e aos silêncios de Pugliese.

É uma morada onde as Artes e as Ciências convivem de maneira harmônica e pacífica. Apresento-me como cientista e artista, uma relação que considero profunda e multifacetada — mas sempre parte do mesmo mundo! Artes e Ciências são formas de explorar e entender a realidade, ainda que com abordagens e objetivos distintos. Ambas buscam compreender e interpretar o mundo,

ALEXANDRA AUGUSTA PEREIRA KLEN

valem-se da criatividade, são formas de expressão humana, influenciam-se mutuamente e desafiam os limites do conhecimento e da percepção. E, mais do que tudo, acredito verdadeiramente que as Artes e as Ciências têm o poder de educar, inspirar e provocar reflexão.

A partir dessa crença, iniciei, em 2015, o que talvez tenha sido um dos maiores desafios e prazeres da minha vida: mergulhei num processo profundo de aproximação com o mundo da interpretação criativa e da direção artística de espetáculos, principalmente, através dos trabalhos concebidos com a “Dois Pontos Cia de DançaTeatro”, da qual sou cofundadora.

Não por acaso, a “Dois Pontos” nasceu com a missão de ‘inovar e educar através da arte’, usando a linguagem da Dança de Salão.

Assim, no dia 12 de outubro de 2015, os sinos da Catedral Metropolitana de Florianópolis anunciaram a estreia do ‘1717’, um espetáculo de DançaTeatro dedicado ao primeiro símbolo verdadeiramente nacional e que, ainda hoje, é parte importante da identidade do Brasil: Nossa Senhora Aparecida.

Idealizamos e concebemos o espetáculo, desde o início, para o público surdo e ouvinte. A “Dois Pontos” sempre acreditou no protagonismo das diversidades tanto no consumo quanto na produção de arte, cultura e informação. Por essa razão, o ‘1717’ contou, no seu elenco, com uma tradutora/intérprete de Libras, Língua Brasileira de Sinais, que fez parte do contexto e da composição coreográfica do espetáculo. Conferimos à tradutora/intérprete de Libras (TILS) uma função cênica — e não somente de mediação linguística das partes verbais do espetáculo. Além desse deslocamento da TILS, a Libras fez parte das coreografias, e todo o elenco passou por uma imersão em Libras para inseri-la na sua dança.

Com o ‘1717’, primeiro trabalho da “Dois Pontos”, recebemos a Chancela do Pontifício Conselho de Cultura do Vaticano, que reconheceu seu valor artístico e cultural. Apresentamos o espetáculo em mais de vinte cidades no estado de Santa Catarina e em dezesseis escolas públicas de Florianópolis. Levamos o ‘1717’

A DANÇA TRANSFORMA A HISTÓRIA DE QUEM DANÇA

para Roma e demos início à contagem regressiva para o jubileu que comemorou os trezentos anos de descobrimento da imagem; fizemos parte da programação oficial do jubileu comemorativo na cidade de Aparecida do Norte, em 2017. Realizamos uma curta temporada, em 2018, no Teatro Cacilda Becker, no Rio de Janeiro — um verdadeiro templo da Dança no Brasil.

Foram tantas as experiências marcantes e tantos os teatros e palcos que receberam o ‘1717’ que, sem medo de errar, posso afirmar que esse trabalho marcou definitivamente a minha história — na dança e na vida!

Outro marco no portfólio da “Dois Pontos” é o espetáculo ‘Insânia Loquaz’, um espetáculo de Dança de Salão que tem como tema a Loucura. O título faz referência ao primeiro texto escrito no Brasil sobre doença mental, em 1831, por José Martins da Cruz Jobim, considerado um dos pioneiros da Psiquiatria no Brasil e merecedor do título de primeiro Neuropsiquiatra do país. O trabalho procura conscientizar acerca dos cuidados que as loucas-pessoas-loucas necessitam e da importância de elas não serem excluídas da sociedade e maltratadas, sendo um apoio ao Movimento Antimanicomial, que em 2017 completou trinta anos e que empreende uma batalha para que isso seja uma realidade.

Nesse desafio, a Libras também auxiliou na caracterização do contexto e na composição coreográfica do espetáculo que dança alguns transtornos mentais: esquizofrenia, transtorno bipolar, transtorno obsessivo-compulsivo.

Como Artista-Pesquisadora, fico extremamente esperançosa ao ver iniciativas potentes na área de conhecimento da Dança voltadas à Arte-Educação. Por isso sou uma entusiasta do “Festival Escolar Dança Catarina”, o maior festival itinerante do mundo focado em Dança na Escola, que ocorre há mais de vinte anos no estado de Santa Catarina. Junto do elenco da “Dois Pontos”, e também com outros colegas artistas, fiz a abertura e participei como jurada de todas as etapas do “Festival Escolar Dança Catarina” nos anos de 2017, 2018, 2019 e 2022, passando por mais de oitenta cidades no estado.

ALEXANDRA AUGUSTA PEREIRA KLEN

Ver a transformação nos alunos, a confiança que desenvolvem e a criatividade que expressam é um testemunho do poder da arte em moldar vidas e construir comunidades mais fortes e conectadas. Ter a possibilidade de chegar às crianças e aos adolescentes através do “Dança Catarina” e poder contribuir — o pouco que seja — para educar através da Arte foi um dos melhores presentes que a Dança me deu.

A arte desempenha um papel fundamental na sensibilização, na educação e na formação da cidadania. Ela tem o poder de conscientizar e inspirar ação e mudança social. Ao dar voz, por exemplo, às experiências e lutas das mulheres, a arte contribui para a promoção da igualdade de gênero e do empoderamento feminino, fortalecendo movimentos e causas em todo o mundo. E é exatamente dentro dessa temática que pontuo outros dois trabalhos que considero relevantes, atuais e necessários: ‘MediEVA’ e ‘¿E agora, você?’.

‘MediEVA’ é um curta-espetáculo baseado em obras da coreógrafa Mapi Cravo e focado no papel da mulher desde a Idade Média até os dias de hoje. Essa adaptação — que celebrou a 20ª edição do “Festival Escolar Dança Catarina” em 2019 — questiona as violências atuais contra as mulheres, propondo reflexões e caminhos para quebrar esse ciclo. Através de danças medievais, chamamos atenção para preconceitos contemporâneos e celebramos a resiliência feminina. Uma provocação à sociedade atual, para instigar reflexões e mudanças necessárias. Atuei no ‘MediEVA’ como Bailarina e contribuí com os projetos dramaturgico e cenográfico.

‘¿E agora, você?’ foi motivado pelo Movimento #Exposed, que ganhou força no Brasil no início de junho/2020 e mexeu com o mundo da Dança — especialmente, da Dança de Salão —, com o surgimento da página no Instagram, @chegadeassedionadanca. O curta ‘¿E agora, você?’ foi montado a partir de trabalhos preexistentes que abordam a temática da violência contra a mulher. São majoritariamente trabalhos de Dança a Dois (Samba, Zouk, Dança de Salão Cênica) criados em tempos e espaços distintos, misturando narrativas textuais, corporais e poéticas para contar histórias de uma realidade comum, reforçando a necessidade do combate ao assédio e à violência contra a mulher. O curta-espetáculo estreou em

A DANÇA TRANSFORMA A HISTÓRIA DE QUEM DANÇA

2020 de forma on-line, devido à pandemia, no dia que se comemora a sanção da Lei Maria da Penha: 7 de agosto. Como responsável pelo roteiro e pela direção geral, mergulhei profundamente nas histórias que precisavam ser contadas, trabalhando para garantir que cada detalhe, cada movimento transmitisse a urgência e a gravidade do tema.

Quantas intensidades!

E, também, quantas levezas!

Nesses quase vinte anos dedicados à Dança de Salão, já dancei *graffitis*, pinturas e poemas; ao som do silêncio e de Esteban Morgado; em palcos, na rua e na lua.

Aprendi, nessa trajetória, que habitar-me em todas as partes de mim é essencial para viver de forma autêntica e plena. Cada passo dado, cada escolha feita teve um propósito maior que, muitas vezes, só compreendi em retrospectiva.

Minha morada é um lugar de constante descoberta e reinvenção. É um espaço que sigo explorando e utilizando para expressar de maneira autêntica as múltiplas dimensões da minha identidade.

Minha morada, com todas as suas simplicidades e complexidades, é onde as Artes e as Ciências coexistem e se entrelaçam.

É um contínuo ir e vir,
um abraço eterno de saberes e fazeres.
Um sentimento equacionado,
uma razão emocionada.

Minha morada, onde sou viajante e anfitriã, recebe a quem chega com a mensagem: sê inteiro!

*“Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.” (Fernando Pessoa)*

ALEXANDRA AUGUSTA PEREIRA KLEN

Minha morada, quando olha para o passado, celebra e agradece a história rica na diversidade de experiências e de interconexões entre diferentes áreas do conhecimento.

Minha morada, hoje, é processo de cura.

Minha morada, quando olha para o futuro, projeta a expansão da consciência e o dançar infinito do corpo, da alma e da mente.

Assim, habito-me em todas as partes de mim
Transbordo, expando, sou
Artes & Ciências,
Danço no silêncio
Ao som do mundo.
Cada escolha,
Um passo,
Cada dança,
Uma morada.

No meu imaginário poético, convidaria Horacio Ferrer — poeta e parceiro lírico de Astor Piazzolla — para compor o meu tango de vida. Penso que ele escreveria algo assim:

Ah, querida alma,
· · · · ·

Que vive como uma milonga desenhada no ar,
· · · · ·

Sua existência é obra inacabada,
· · · · ·

Em constante construção.
· · · · ·

Quem, em seu juízo perfeito,
· · · · ·

Poderia julgar a sinfonia da sua vida
· · · · ·

ALEXANDRA AUGUSTA PEREIRA KLEN

humana. Dentro da complexidade da nossa identidade, habitar-nos é um exercício contínuo de autoconhecimento.

E nesse desafio reside a beleza da nossa jornada que alguns, como eu, escolheram permear com poesia e muita dança.

Dentro da singularidade que nos define,
cada um constrói a sua própria morada.
Cada um compõe o seu próprio Tango de Vida.
E dança.
No seu próprio tempo.
Tempo que, como diz o poeta das miudezas,
só anda de ida.